

A ASSOCIAÇÃO DE EX-COMBATENTES DO BRASIL, SEÇÃO PARÁ: Uma Visão da Identidade Social dos Veteranos de Guerra Paraenses Através das Fichas de Filiação

THE ASSOCIATION OF FORMER COMBATANTS OF BRAZIL, PARÁ DIVISION: A View on the Social Identity of War Veterans from Pará Through Membership Forms

Lucas Carnevale MACHADO¹

Resumo: Este artigo vem apresentar algumas perspectivas sobre a participação de brasileiros e paraenses na II Guerra Mundial (1939 - 1945), discutindo as consequências de uma guerra aeronaval no litoral brasileiro e a mobilização regional para o esforço de guerra aliado, apresentando o alinhamento nacional ao lado dos aliados, a formação da Força Expedicionária Brasileira e as dinâmicas sociais entre esse grupo social após o conflito. Um importante elemento a ser discutido é a formação das associações de ex-combatentes, em especial a do estado do Pará, apresentando algumas discussões sobre questões sociais e indicadores referentes aos veteranos e suas redes de sociabilidade, de modo a compreender as diferentes visões sobre a problemática reintegração social dos veteranos de guerra.

Palavras-Chave: FEB, História Militar, Patrimônio Material, Reintegração social, veteranos de guerra.

Abstract: The present paper introduces some perspectives about the Brazilians and paraenses (Brazilians from a north state) participation in World War II (1939-1945), discussing the consequences of an aeronaval on Brazil's coast and the local mobilization for the allies' war effort, presenting the national alignment with the allies' side, the formation of Brazilian Expeditionary Force and the social dynamics among this social group after the conflict. An essential element to discuss is the formation of ex-combatant associations, especially in Pará, showing some debates about social issues and indicators referring to veterans and their sociability networks, comprehending the different visions about the problematic social reintegration of war veterans.

Keywords: FEB, Military History, Material Heritage, Social Reintegration, War Veterans.

INTRODUÇÃO

O Brasil, apesar de ter uma política externa neutra durante os primeiros anos da II Guerra Mundial (1939-1945), com o regime do Estado Novo implantado por Getúlio

¹ Doutorando em História Social da Amazônia no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Pará (PPHIST/UFPA). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências do Patrimônio Cultural da Universidade Federal do Pará (PPGPATRI / UFPA). E-mail: lmachado1097@gmail.com.

Vargas (1889-1954) houve uma aproximação econômica com a Alemanha Nazista, atuando principalmente através do comércio de compensação, negociando recursos naturais em troca de equipamentos industriais e de base militar (Pinheiro, 1995, p. 111).

Essa atuação foi uma marca da ala germanófila do governo, principalmente os Generais Góes Monteiro (1889-1956) e Eurico Gaspar Dutra (1883 - 1974), personalidades contrárias à participação brasileira no conflito. A situação militar nacional foi alterada após o início das ofensivas Nazistas nos mares do Atlântico e do Mediterrâneo, nos quais vários navios de bandeiras inimigas ou neutras, foram interceptados ou afundados pelo “Eixo” (Castro, 2017; Barone, 2013).

Cerca de 18 navios Brasileiros foram afundados em águas internacionais ou em zonas marítimas de outros países, somado a uma sequência de ataques em águas territoriais brasileiras entre julho e agosto de 1942ⁱ, que teve como consequência o processo de mobilização nacional contra os nazifascistas, levando a uma declaração de guerra contra o eixo em 22 de agosto (Ferraz, 2005, p.7).

Com esses ataques bem próximos à população e a navios civis que não estavam envolvidos com o conflito, levou vários grupos de brasileiros a buscarem vingança por seus compatriotas mortos, descontando nos descendentes de alemães, italianos e japoneses, resultando em saques, incêndios e destruição das propriedades desses últimos em várias cidades do Brasil (Barone, 2013; Silva, 2013; Emmi, 2008).

Os ideais nacionalistas eram uma das bases do Estado Novo (1937 - 1945), regime implantado por Getúlio Vargas por um golpe de estado. Uma de suas principais medidas estava ligada a um controle mais restrito dos grupos estrangeiros que imigraram ao Brasil e seus grupos descendentes, tal como as suas produções e instituições culturais, tendo como ponto principal a eliminação de qualquer divisão entre os brasileiros, acabando com as bandeiras estaduais e interferindo de maneira direta nos jornais com a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) (Saraiva, 2013, p.5).

Partidos políticos foram extintos e houve grande perseguição a grupos políticos dissidentes, como os comunistas e integralistas, sendo presos e torturados e em alguns casos, deportados. Como a alemã Olga Benário, militante comunista e judia que foi deportada à Alemanha nazi em 1938 e morta a gás no campo de Ravensbrück em 1942 (Pontes, 2008, p. 127).

Nesse contexto, apesar da proximidade com o Eixo e com a grande influência de germanófilos no governo, tomou importância a atuação do Chanceler Oswaldo Aranha, de maneira que o comércio de compensação com os Nazistas foi substituído por uma

parceria com os Estados Unidos, inicialmente econômica e que depois passou a esfera do poder militar e cultural, no qual houve a implantação de bases Norte Americanas em: Natal, Fortaleza, São Luís e Belém. Somado a isso, um grande intercâmbio cultural foi construído, apresentando os Brasileiros e a nação sul-americana aos Estadunidenses, e as produções culturais dos EUA ao Brasil (Seitenfus, 2008).

O caso mais icônico é a vinda de Walt Disney ao Brasil como “Embaixador da Boa Vontade”, com o objetivo de traçar um panorama para a construção de um personagem “Tipicamente Brasileiro”. Isso resultou em duas produções de desenhos animados: *Alô amigos*, de 1942, e *Pluto e o Tatu Bola*, do mesmo ano, servindo como importante elemento da *Aliança para o progresso* (Moraes, 2022).

Na primeira animação, o Pato Donald visita a Cidade do Rio de Janeiro e é apresentado ao Papagaio de nome José Carioca, que incorpora o jeito do “malandro carioca” como um personagem tipicamente brasileiro. Na Segunda, mostra uma visita rápida do Mickey Mouse e do seu animal de estimação (Pluto) a cidade de Belém, no qual aguardando o embarque, Pluto brinca com uma bola que acaba caindo na floresta, o brinquedo acaba sendo confundido com um tatu-bola sendo levado no avião por engano (Moraes, 2022).

A GUERRA AERONAVAL CHEGA À PERIFERIA DO MUNDO: OS RASTROS DO CONFLITO NO LITORAL DA AMAZÔNIA ORIENTAL

O estado do Pará vivia sob a égide do Estado Novo, comandado por José Carneiro Gama Malcher (1872 - 1956), interventor federal empossado em 1935 e permanecendo até 1943, administrando o estado durante o período de neutralidade e do estado inicial de beligerância contra o eixo. Durante todo o regime, a interventoria manteve estrito controle dos meios de comunicação, com atuação forte do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e a Versão estadual da autarquia (o DEIP), atuando de sobremaneira nos impressos regionais: *Folha do Norte*, *Folha Vespertina*, *A Província do Pará* e *O Estado do Pará*, como exemplos (Teixeira, 2013 p. 19 e 96-97).

Com isso, os jornais locais acabavam por atuar como transmissores de grandes grupos jornalísticos nacionais e internacionais, grandes notícias da guerra no extremo oriente, as fulgurantes vitórias japonesas sob a China e sobre o Sudeste asiático; os avanços da Alemanha nazi sobre a França e sobre o Leste europeuⁱⁱ.

Apesar da neutralidade brasileira, a base germanófila do governo permitia que houvesse manifestações de apoio aos nazis na região, assim como a manutenção de

núcleos do partido nacional fascista italiano, apesar de o estado novo proibir partidos políticos de ordem geral (Emmi, 2008)ⁱⁱⁱ.

A presença de migrantes europeus na região é datada com maior importância após a intensificação da exploração da borracha do final do século XIX e início do século XX. Portugueses, Espanhóis, Japoneses, Sírio-libaneses e em menor número: Italianos, alemães e russos estabeleceram-se em colônias e seringais em Belém ou nos interiores do Pará, contribuindo com a economia local e com a diversa composição social no período da *Belle Époque*.

Os italianos marcaram sua participação através de instituições ligadas a esse grupo específico de migrantes, muito conhecida no centro-sul do Brasil por resultar em clubes de futebol como a *Sociedade Esportiva Palmeiras* e o *Palestra Itália de Minas Gerais*, atual *Cruzeiro Esporte Clube*. Na região norte, essa influência foi notável pela formação das seguintes Associações: a Casa Civil Itália-Pará, os Diretórios do Partido Nacional Fascista e a Associação de Ex-combatentes da I Guerra Mundial como os mais notórios exemplos de agremiações italianas no norte brasileiro (Emmi, 2008).

A Amazônia oriental participou ativamente da II Guerra Mundial, apesar de o Brasil entrar tardiamente no conflito. A região teve alguns acontecimentos importantes para o desenrolar do conflito como a Implantação de bases militares Estadunidenses fazendo uma ponte aérea entre Belém e Parnamirim – RN, além do afundamento nas proximidades de vários navios mercantes nacionais por Submarinos Nazistas ("*Pelotasloide*" "*Lajes*" e "*Osório*")^{iv}, causando na capital paraense grande mobilização contra os descendentes de Alemães, Italianos e japoneses, que nada tinham a ver com as nações em conflito (Miranda, 1998; Silva, 2013; Emmi, 2008).

Com estes acontecimentos, vários "Cidadãos do Eixo" foram presos, além do emprego de grande violência contra as organizações culturais de descendentes, ocorrendo o empastelamento destas instituições de imigrantes italianos em Belém. Além disso, muitos descendentes de Japoneses foram isolados em campos de segurança, no caso do Pará na cidade de Tomé Açu, formando uma colônia agrícola sob constante supervisão das forças de segurança (Almeida, 2015).

Durante mais de três anos, a Capital do Pará e a região norte e nordeste do estado, viveram sob constante ameaça dos desenrolares do conflito, tal como: Simulações de ataques aéreos, *Blackouts* noturnos, carestia e racionamento de gêneros alimentícios, principalmente devido à dificuldade no transporte de carga pelo litoral, constantemente assediado por Submarinos Nazistas, tal como a valorização do dólar pelo comércio local (Principalmente em Belém), no qual os vendedores guardavam os

melhores alimentos aos Estadunidenses que atuavam na Base aérea de Val de cães (Rodrigues, 2010 e Miranda, 1998).

Para o autor Serge Gruzinski (2014), a região Amazônica, desde a chegada do colonizador europeu à região em 1499, foi vista com grande indiferença por portugueses e espanhóis, que apesar das intenções de integrar a região aos seus domínios coloniais, mantinha-se a noção de que a região seria uma espécie de “Periferia do Mundo”. Sua colonização foi realizada devido aos constantes ataques de franceses, ingleses e holandeses, no qual os primeiros haviam conquistado territórios no Rio de Janeiro e haviam se estabelecido na Ilha de São Luiz no Maranhão. Após a derrota francesa na região, os portugueses avançaram até a foz do rio Amazonas, tendo fundado em 12 de janeiro de 1616, a cidade de Santa Maria de Belém do Grão Pará, construindo um forte que demarcava o território de ocupação portuguesa na região.

Dessa forma, somente após a união ibérica (1580 – 1640) e o risco de outros europeus ocupar a região, os portugueses iniciaram a ocupação da Amazônia, além de estender sua colonização aos interiores da região, após a expedição de Pedro Teixeira, saindo de Belém até a cidade Quito, percorrendo a maior parte do rio e estabelecendo locais de base para a defesa interna (Gruzinski, 2014).

A Amazônia foi por muito tempo vista como um problema de integração nacional, tanto durante o controle português como no processo de consolidação da nação brasileira. Até antes da década de 1930, o único meio de chegada de recursos e de transporte era por via fluvial e marítima, mudando somente após o início das atividades do Correio Aéreo Nacional (CAN), organização antecessora da Força aérea e que fazia as primeiras rotas entre o interior do Brasil, usando hidroaviões que permitiam pousos e decolagens em rios e mares, levando em conta a situação dos interiores (O Expedicionário, 1975).

Um dos mais icônicos elementos desse uso da aviação para chegar na Amazônia, foi o Hidroavião *Consolidated Catalina PBY*, um avião de porte médio usado tanto pelos civis quanto pelos militares, sendo usado na região até a aposentadoria do modelo em 1982 (SANTOS, 2011, p.87). Com esse equipamento, surgiu um grupo dentro da Força Aérea na Região, cuja identidade está tão ligada ao uso dessa aeronave, que seus operadores são chamados de “Catalineiros”, atuando nas operações de guerra contra os Submarinos Nazistas que atacavam o litoral aliado na América, tal como o processo de proteção das fronteiras da Amazônia Brasileira, somado às ações de limpeza e liberação do espaço para a construção de pistas de pouso no interior da floresta (Santos, 2011, p.87).

Estes equipamentos foram repassados ao Brasil a partir de 1943, como medida de cumprimento a um acordo de empréstimos de guerra chamado de *Lend-Lease*, no qual foram fornecidos ao Brasil cerca de 200 Milhões de Dólares em equipamentos militares e de caráter industrial (Seitenfus, 2000, p.297). Somado também a realização de treinamentos para pilotos da FAB nos Estados Unidos, permitindo que a cobertura aérea dos aliados no Atlântico Sul fosse feita por Brasileiros e Estadunidenses. Entre 1943 e 1945, foram destruídos cerca de doze Submarinos Nazistas no litoral brasileiro (Barone, 2013).

Até meados de 1943, o conflito se estendia em uma frente de combate aos Nazifascistas no leste europeu, comandada pela União Soviética, uma grande frente de combate ao Japão, se colocando contra os Estadunidenses, Britânicos, Chineses e outros povos no sudeste asiático. Dessa maneira, o “Trampolim da Vitória” estabelecido pelos EUA entre o Pará e o Rio Grande do Norte, foi primordial para a organização de uma possível invasão da Europa pela região do norte da África, com apoio dos militares da “França Livre” (Araujo, 2020).

No final do ano de 1943, com grandes vitórias sobre os Germânicos e italianos, o Eixo abandonou a Tunísia e a Líbia, dando base ao estabelecimento do um controle aliado do Mar Mediterrâneo, servindo de apoio para a *Operação Husky*, que tomou a Sicília e o sul da península Italiana dos Fascistas. Com essa tomada do sul da Itália, o governo de Mussolini foi derrubado pelo imperador italiano, apesar de manter-se aliado ao Eixo. Essa situação mudou com o avanço dos aliados pela Itália, no qual a família real italiana evadiu-se para o sul da península, declarando total apoio aos aliados, cuja desordem militar acabou permitindo a ocupação alemã do centro e do norte da Itália (Salun, 2012).

A COBRA FUMOU E O BRASIL EMBARCOU: A FORMAÇÃO DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA E IDA DOS PARAENSES AO ALÉM-MAR

Nesse contexto, o Brasil estava imerso em relações econômicas entre os dois lados em conflito, somada às dezenas de ataques aos navios mercantes brasileiros no além-mar e em águas territoriais brasileiras, conduzindo o governo de Getúlio Vargas a tomar partido, em favor dos Estadunidenses, atacados em dezembro de 1941 e manifestando estado de Beligerância contra a Alemanha e a Itália em agosto de 1942, através do decreto lei 10.358, e a declaração de estado de guerra no dia 31 do mesmo

mês, iniciando a organização militar para a defesa interna e para uma possível participação na frente de combate (Silva, 2013, p.14)

Entre o final de 1942 e o ano de 1943, as forças armadas iniciaram o processo de formação do corpo expedicionário de combate brasileiro que seria enviado para o front Italiano, através da portaria ministerial número 4.744 de 09 de agosto de 1943, sendo nomeada *Força Expedicionária Brasileira* (FEB) e posta sob comando do General de Divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes (1883 - 1968) (Silva, 2013 p. 14).

Cerca de 25.334 militares e 70 enfermeiras para tomarem parte no front do Mediterrâneo. A FEB foi Organizada de forma Ternária, no qual cada unidade dividia-se em três menores, da Divisão as patrulhas na linha de frente. O comandante-geral teve como subordinados imediatos os Generais de Brigada: Zenóbio da Costa (1893 - 1963), comandante da *Infantaria Divisionária* (Mais numerosa e dividida em três regimentos de Infantaria: 1º RI - Sampaio; 6º RI - Ipiranga e 11º RI - Tiradentes); Cordeiro de Farias (1901 - 1981), Comandante da *Artilharia Divisionária* e o Coronel Falconiere da Cunha (1891 - 1967), comandante dos órgãos não divisionários (Depósito de Pessoal, Banco do Brasil, Corpo de Saúde, Pelotão de Sepultamento, entre outros) (Maximiano, 2014; Ferraz, 2013).

Apesar das maiores unidades serem concentradas nos Estados de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, seus membros estendiam-se a todos os vinte e um estados existentes na época. O Estado do Pará contribuiu com 645 militares mobilizados, no qual 281 destes embarcaram no 5º escalão para combater nos campos de batalha italianos, contribuindo com pessoal principalmente as unidades de linha de frente e do depósito de pessoal (Silva, 2013).

Os paraenses participaram de vários embates, não somente no último contingente, mas em outras unidades, servindo como tradutores, cozinheiros e na linha de frente em meio às patrulhas. Dos 281 Paraenses, quatro não voltaram com vida ao Brasil, tombados em combate ou nos hospitais de campanha em decorrência de ferimentos ou das condições climáticas adversas do inverno nos montes Apeninos (Silva, 2013).

A tropa brasileira participou ativamente da tomada de postos chaves alemães, principalmente na linha Gótica, uma das bases estruturais da ocupação germânica da Itália, enfrentando unidades bem ambientadas e experientes de outros fronts (como a Guerra contra a URSS). Após fevereiro de 1945, os Brasileiros tiveram consideráveis vitórias, como em Monte Castelo, Montese e Fornovo Di Taro. Nesta última, os alemães da 148ª Divisão de Infantaria renderam-se integralmente à FEB, após a notícia da morte

de Adolf Hitler, com cerca de 14 mil militares, sendo o único caso no conflito de rendição de uma unidade alemã inteira (Maximiano, 2014).

Apesar de sua considerável importância no Front italiano, somado ao grande carisma dos brasileiros em relação à população italiana a desmobilização brasileira ocorreu no estrangeiro, de forma rápida e direta, mesmo que houvessem propostas de que a divisão participasse da ocupação do *Reich* no pós-guerra, mais exatamente da Áustria, e que acabou sendo recusado pelo presidente Getúlio Vargas (Neher, 2015; Latfalla, 2022).

Havia outros planos para a FEB e seu retorno para o Brasil, de maneira que após o conflito a unidade expedicionária foi desmobilizada em solo estrangeiro, de maneira a impedir qualquer receio de que a volta dos militares fizesse uma possível revolução armada para derrubar o presidente. Tendo em vista essa desmobilização precoce, os veteranos tiveram a ideia de organizarem uma instituição que os representasse, em busca dos direitos obtidos após o pagamento do seu tributo de sangue (Ferraz, 2013).

AS AÇÕES DE SOCIABILIDADE DOS VETERANOS COM A SOCIEDADE

No Brasil, as mobilizações por direitos dos militares e conscritos que participaram em grandes conflitos, vem desde a guerra do Paraguai (1864 – 1870), no qual as promessas de entrega de lotes de terra e de compensações financeiras não foram cumpridas em grande parte, devido aos grandes cortes realizados após o conflito nos ministérios das forças armadas imperiais, acabando com boa parte da esperança de uma vida nova aos veteranos e feridos (Soares, 2014).

As associações de ex-combatentes não são uma novidade na segunda metade do século XX, sua importância está centrada nos debates internos das nações envolvidas em grandes conflitos, no qual as populações mobilizadas para o conflito chegavam aos milhões. Esse fato é notório no período após a 1ª Guerra Mundial (1914 - 1918), em que países como os Estados Unidos, Reino Unido, Austrália, França e Alemanha enfrentaram o problema da reintegração social desses conscritos, promovendo iniciativas de apoio educacional como bolsas de estudos; amparo à saúde aos veteranos e seus familiares; entre outros elementos (Ferraz, 2013).

Uma dessas associações, cujos objetivos estavam mais definidos em congregar militares e conscritos que serviram em defesa de sua pátria natal, foi a *Associazione Nazionale Combattenti*, fundada em 1923 em Belém do Pará. Segundo Marília Emmi (2008, p. 236), essa associação unia apenas italianos que haviam lutado durante o

grande conflito de 1914-1918, e não era uma instituição de busca por direitos, mas de preservação da camaradagem entre seus irmãos de armas.

Com o final da II Guerra em maio de 1945, foram iniciados os preparativos de retorno dos militares da FEB para o Brasil, com a tropa não participando do processo de ocupação e sendo desmobilizada antes mesmo de entrar nos navios de embarque. Começava um duro e difícil processo de reintegração social desses veteranos, no qual além da omissão do estado, contavam também com o preconceito da sociedade com os neuróticos de guerra.

Apesar disso, a recepção aos expedicionários foi festiva em todo o Brasil, sendo homenageados em grandes desfiles de norte a sul do Brasil. Curiosamente, os militares desfilaram desarmados, pelo medo de que poderiam fazer um golpe contra o regime cambaleante do Estado Novo getulista.

Os ex-combatentes, tendo noção de que apesar das festividades, enfrentaram problemas para seguir suas carreiras anteriores ao conflito, iniciaram os preparativos para a organização de seus mecanismos de luta social, com o objetivo de obterem as concessões prometidas pelo estado aos militares que tomassem parte no conflito mundial. Dessa forma, em 08 de abril de 1946, foi fundada a Associação de Ex-combatentes do Brasil, Seção Pará, fundada próximo a praça Floriano Peixoto, bairro de São Brás.

As instituições de caráter coletivo (Sindicatos, Clubes esportivos, associações, etc.), têm como característica principal o incentivo a formação de eventos para interação entre seus membros e aproximando a sociedade da instituição, permitindo uma relação mais amigável em uma visão interna e externa. A associação dos ex-combatentes do Brasil também não se diferenciou neste ponto, realizando inúmeras atividades com o objetivo de aproximar os ex-combatentes da sociedade e angariar fundos para o caixa financeiro institucional.

Um ponto importante a ser discutido nas reuniões dos ex-combatentes é a interação esportiva com a sociedade através do futebol, sendo organizado um time amador para competir no futebol suburbano, inicialmente interligado a associação, competiu em nível amador até 1950, passando ao primeiro nível do futebol do Pará a partir do ano de 1951, seguindo na elite até o ano de 1958, quando a equipe foi desmembrada da AECB-PA, passando a compor o Grêmio Desportivo Combatentes (Machado, 2021).

A Formação do time dos veteranos é importante para compreender de que forma a relação entre a memória do conflito e o esporte acabava servindo implicitamente como

elemento de preservação das datas e dos acontecimentos em que os brasileiros tomaram parte, tanto pela realização dos jogos em datas festivas para os veteranos (Tomada de Monte Castelo, Montese, Forno e o dia da vitória), além das discussões sobre o time nas crônicas esportivas da mídia local, mostrando a atuação do Combatentes em torneios estaduais e regionais (Machado, 2021).

O Grêmio Combatentes atuou no esporte do Pará até o ano de 1972, no qual sua categoria profissional foi extinta, continuando um trabalho de formação de jogadores e somando algumas campanhas históricas no campeonato paraense, como um terceiro lugar na edição de 1968, eliminando a Tuna Luso e ficando atrás apenas das equipes de Remo e Paysandu (Machado, 2021).

A sociabilidade por meio do futebol em Belém é discutida no trabalho do dr. Itamar Gaudêncio, abordando os times suburbanos de Belém, e no qual a abordagem discute as relações internas e externas entre os clubes bairristas:

Essa movimentação do público que se relacionava ao esporte nos dias de jogos nos leva a deduzir que a prática futebolística em Belém do Pará não se resumia a jogos oficiais, pois, aliada a paixão dos clubes de “*Sportsmen*”, como Remo, Paysandu e outros clubes, possivelmente nos variados bairros existiam práticas de lazer e sociabilidade ligadas também ao futebol. Eventos desse tipo nos anos de 1920 proporcionaram o deslocamento da atenção dada pela imprensa esportiva nas suas notícias aos clubes do dito “centro elegante” para outros clubes de futebol pertencentes a variados bairros da urbe (Gaudêncio, 2016, p. 177).

O Clássico de Futebol Remo X Paysandu, existente desde 1914, um dos mais disputados do mundo, foi discutido em reunião da AECB-PA como possível evento de sociabilidade entre os veteranos, militares e a sociedade, buscando uma aproximação maior dos primeiros segmentos com a sociedade civil em geral:

Foi também lembrado organizar um festival esportivo entre os quadros do Clube do Remo e do Paysandu Esporte Clube, ficando o Major Cabú encarregado de tratar este assunto com o Comandante Geral da Oitava Região (Ata de Fundação, 17 de setembro de 1949, p.15).

Além do futebol, outras formas de sociabilidade eram incentivadas e organizadas pela associação, de maneira a contribuir com o caixa financeiro da AECB-PA, além de contribuir para a formação dos associados e de seus dependentes. Nestas iniciativas podemos destacar a atuação dos expedicionários na organização de um festival de cinema em 1 de outubro de 1949, no Cine popular, cujo valor dos ingressos ficou definido ao valor de Três Cruzeiros CR\$: 3,00. As salas de cinema foram importante

elemento de sociabilidade para as famílias belenenses da década de quarenta, com os expedicionários não sendo exceção a regra, trabalhado pelo Professor Allan Pinheiro da Silva (2007):

A década de quarenta foi marcada pela forte presença dos cinemas no cotidiano das grandes capitais brasileiras, porém com a introdução da televisão nos anos cinquenta, iniciou e, paulatinamente foi se consolidando, a crise em torno das salas de projeção, que hoje se faz visível. No entanto, não se pode esquecer que o primórdio das imagens em movimento, o lugar “sagrado” e muitas vezes o local de convivência dos cidadãos em Belém foi o cinema. Assim, também se observa que esse recinto foi tratado como espaço físico de projeção de imagens, local de encontro e conversa, com suas grandes salas de espera, local para os namoros transgressores, ambientes de emoção vinda através dos olhos com os filmes românticos, dramáticos, as comédias, as grandes aventuras de *far-a-West* e os filmes de guerra (Silva, 2007, p. 24).

Dessa forma, Belém seguiu a lógica de outras grandes cidades brasileiras da década de 1940, no qual os cinemas foram cada vez mais descentralizados, apresentando as produções nacionais e internacionais a cada vez mais pessoal, surgindo também, várias empresas responsáveis pela produção de eventos nos cinemas e de material cinematográfico. A Historiadora Yisiadne Ribeiro, ao discutir a presença feminina no cinema paraense, aborda diretamente a disseminação dos cinemas e dessas produtoras de eventos em Belém, de maneira que:

O circuito cinematográfico em Belém possuía uma expressiva quantidade de salas de exibição, localizadas entre o centro e algumas áreas mais afastadas da margem, sendo muitas destas salas pertencentes às mesmas empresas, como por exemplo a Cardoso & Lopes, Severiano Ribeiro e a São Luiz, para citar algumas. Só dentro do período de 1959 a 1963 encontravam-se em funcionamento os cinemas Nazaré, Olympia, Moderno, Iracema, Independência, Vitória, Cine Art, Paramazon, Palácio, Tamoios, Guarani, Opera – estes todos dentro da região central de Belém, entre grandes salas e cinemas de bairro – e alguns como o Cine Ipiranga, de Icoaraci e o Guajarino, em Mosqueiro. Estas salas de cinema eram bastante frequentadas, mas não se encontravam nas melhores condições. Suas estruturas desagradavam bastante os frequentadores por serem desconfortáveis. Só com a inauguração do Cine Palácio em 1960, estas salas correram para melhorar seus espaços e não perder a clientela (Ribeiro, 2021, p.24).

Uma das produtoras citadas por Ribeiro (2021), é a São Luis, contratada para a realização do evento organizado pelos ex-combatentes citado anteriormente, a referida empresa repassou a informação que o festival rendeu cerca de CR\$ 1.203,00 cruzeiros,

valor que ainda seria descontado para custear o aluguel do espaço sendo o restante enviado a instituição^v.

Esses resultados mostram que seja no estádio ou nas salas de cinema, a sociabilidade era um importante fator entre os veteranos e a sociedade civil em que estavam imersos, permitindo que o público alheio ao conflito ou as gerações posteriores, tomassem conhecimento da participação dos paraenses no conflito, além de servirem como entretenimento para os segmentos.

Cabe destacar o uso do espaço dos ex-combatentes como objeto da produção cultural dos mesmos, seus dependentes e do público em geral, tanto para as reuniões quanto para capacitações e treinamentos. Um desses acontecimentos descritos nas atas, foi a realização de um evento de Bordado, costura e artesanato na instituição, evento aberto a todos os interessados. No ano de 1962, A AECB-PA autorizou a realização de cursos noturnos dos seguintes temas: Bandejas Artísticas, Modelagem de Boneca e motivos para a Páscoa, de maneira que os objetos seriam apresentados aos membros da associação e que 20% do valor seria direcionado a associação para o pagamento de custos.

A Formação educacional foi um dos pontos mais visados institucionalmente pela AECB-PA, de forma que o espaço da associação foi construído para cumprir com essa missão. Já que as demandas de apoio à educação dos veteranos e seus dependentes não foi levada adiante, coube aos próprios veteranos a organização de escolas e cursos específicos para os seus filhos e para os moradores dos arredores da associação.

Dessa forma, é importante citar a criação do Instituto *Mascarenhas de Moraes*, organização ligada a AECB-PA, e que atendia os filhos de veteranos e a comunidade externa, solicitando dos últimos a realização de pagamento de valores simbólicos para apoio à associação. Seu objetivo era prestar apoio às crianças que tentaram as provas para cursarem a nível estadual ou municipal o primeiro grau de instrução, não necessitando de autorização do Ministério da Educação na época para a realização dessas atividades. Um dos elementos encontrado constantemente nas atas, é as subvenções vindas dos órgãos executivos e legislativos de Belém, com o objetivo de financiar o projeto, prestando apoio a um público cada vez maior nos porões da associação^{vi}.

Outra formação apenas citada em ata, mas cujas fontes estão em acervos avulsos da associação são referentes ao Instituto Paraense de Criminologia, um projeto realizado em apoio com a secretaria de Segurança Pública do Pará e com as polícias civil e militar

do estado, sendo um curso pago aos alunos, para efeito de manutenção do espaço e da AECB-PA.

Ambas as iniciativas mostram a importância da atuação própria dos veteranos em favor dos associados, contribuindo para a sua formação e constante aperfeiçoamento dos associados, elementos vistos com maior detalhamento nos documentos avulsos e até mesmo na própria estrutura predial da Instituição, de maneira que havia duas entradas na AECB-PA: Uma apenas para alunos, com caminho direto para o porão e sala de aula; e outra pelo primeiro piso, no qual dava acesso a biblioteca e ao salão dos associados.

O ACERVO INSTITUCIONAL DA AECB-PA: UMA ANÁLISE ESPECÍFICA DOS DOCUMENTOS DE FILIAÇÃO DE ASSOCIADOS

O documento histórico mais antigo encontrado na instituição é seu livro de ata de fundação, que conta a trajetória institucional da AECB-PA de maio de 1946 até o ano de 1952, abordando as reuniões gerais entre a diretoria e os associados, somado a atuação da primeira diretoria e as discussões políticas acaloradas do período da Guerra fria.

Nesse livro também é possível encontrar as manifestações de desagrado com determinadas posturas contrárias a causa dos expedicionários, tal como o perdão a acusados de traição contra a pátria. Além disso, há muitos documentos avulsos, divididos entre os informes da documentação oficial enviada e recebida da AECB e sobre novas fichas de adesões à associação.

Esse último segmento é uma das partes mais importantes do acervo institucional dos ex-combatentes, pois as fichas de filiação são documentos complexos com vários dados concentrados: *local de origem, profissão, onde serviu no conflito, se era carente financeiramente, histórico familiar, educacional*, entre outros.

Esses indicadores permitem uma análise mais profunda sobre quem eram esses veteranos e ex-combatentes, permitindo analisar de que maneira estes veteranos eram reintegrados às suas localidades de origem (ou de residência), se tinham alguns problemas de saúde devido ao conflito, ou se buscavam a associação com objetivo de alcançar oportunidades de emprego.

Dessa maneira, há atualmente na instituição cerca de 158 fichas de filiação, no qual o número de páginas chega a ser quatro vezes maior, de acordo com a quantidade de demandas apresentadas pelo veterano, tal como: *Solicitações de vagas em escolas*,

empregos em repartições públicas e privadas, consultas médicas em hospitais das forças armadas, além de apoio aos familiares de veteranos falecidos.

Outro indicador que podemos citar, é a classificação do conscrito ou militar na Associação, de forma que apesar dos mesmos direitos e deveres, o classificavam com o status de “Veterano ou Ex-combatente”. Essa organização era construída da seguinte forma:

Tabela 01: Classificação dos veteranos da AECB-PA, estatuto da AECB-PA.

| Classificação do Conscrito | Onde Serviu | Comprovante de Tempo de Serviço | Comprovante de serviço no teatro de Operações | Força de Serviço |
|--|---|--|---|---|
| Veterano Efetivo 1 - E1 | Itália | Certidão de Reservista de Primeira Classe de serviço na Itália. | Diploma da medalha de Campanha, Medalha Sangue do Brasil ou Cruz de Combate. | 1ª DIE FEB 1ª GAVca 1ª ELO ^{vii} |
| Ex-combatente Efetivo 2 - E2 | Atlântico Sul - defesa do litoral Brasileiro | Medalha de Serviços de Guerra, e Medalha de Serviços Relevantes | Medalha da força naval do Nordeste e Medalha da força naval do Sul. | Marinha de Guerra |
| Ex-combatente ou Veterano Efetivo 3 - E3 | Itália e Defesa do litoral brasileiro | Medalha de Campanha na Itália (FAB) e Medalha de Campanha do Atlântico Sul | Medalha da Cruz de Bravura, Medalha da Cruz de Sangue, Medalha da Cruz de Aviação (A e B) | Força Aérea |
| Ex-combatente Efetivo 4 - E4 | Serviço em zonas de Guerra no Atlântico e no Mediterrâneo | Medalha de serviços de Guerra, Medalha de Serviços Relevantes e certidões de serviço em navios mercantes | Certidões de serviço da Capitania dos Portos informando os navios mercantes. | Marinha Mercante |
| Ex-combatente Efetivo 5 - E5 | Serviço em unidades no Litoral Brasileiro | Boletins de serviço, medalha de guerra e Certificados de reservista de 1o categoria | Medalha de Guerra e Certidões de serviço em unidades do litoral Brasileiro. | Exército |

Fonte: Estatuto da AECB-PA, Centro de Memória da Amazônia, Belém, 2019. Por Lucas Carnevale Machado.

Nos documentos avulsos, um fundo em particular foi de vital importância para obter a composição social dos veteranos de guerra, permitindo discussões sobre sua origem geográfica, formação acadêmica e profissional, período de serviço durante a guerra, e demandas pessoais solicitadas através da associação.

Apesar do abandono da associação ter atingido em cheio o acervo documental, esta seção em específico tem documentos em estado de conservação quase impecável, devido ao zelo dos veteranos relacionados a este fundo em específico. Um dos fatores que ajudaram nessa preservação das fontes foi as estruturas que organizam os

documentos, usando gavetas de metal e de fichários de plástico, isolando os documentos de qualquer ação de agente químico ou biológico de deterioração.

Dos fichários encontrados, três precisaram ser substituídos com urgência devido a constatação de que as estruturas estavam contaminadas com fezes humanas, e para evitar qualquer infecção aos documentos ou aos pesquisadores, os documentos foram transferidos para novos fichários com estrutura semelhante, sendo este o estado atual dos documentos pesquisados.

Para entender de que forma esse patrimônio contribui para entender a dinâmica individual dos veteranos, é necessário destrinchar a fonte documental, analisando as diferentes situações e problemáticas relacionadas nos acervos. Dessa maneira o dossiê era composto dos seguintes documentos:

Imagens 01 e 02: Ficha de proposta do Sr. Raimundo Otaciano de Almeida e cópia do Diploma da Medalha da Força Naval do Nordeste do Sr. Rui Martins Fonseca.

The image shows two documents side-by-side. The left document is a 'PROPOSTA' (proposal) form from the 'ASSOCIAÇÃO DOS EX-COMBATENTES DO BRASIL' (AECB-PA). It contains personal information for Raimundo Otaciano de Almeida, including his profession as a lawyer, his birthplace in São Antonio de Trombetas, and his military service in the FEB-ITALIA. The form is dated September 15, 1977, and was approved on October 20, 1977. The right document is a 'DIPLOMA' (diploma) for the 'MEDALHA DA FORÇA NAVAL DO NORDE' (Northeast Naval Force Medal). It is a handwritten document signed by Rui Martins Fonseca, President of the República dos Estados Unidos do Brasil, dated June 2, 1954. The diploma is a copy of the original, as indicated by the text 'Cópia pelo Decreto nº 35.587 de 2 de junho de 1954'.

Fontes: Foto 01: (Santos, 2022); Foto 02: Lucas Carnevale Machado.

Os dossiês referentes aos ex-combatentes filiados (ou que desejassem pertencer a AECB-PA) geralmente contava com os seguintes componentes: A primeira folha era a folha padrão de proposta da AECB-PA, que compilava os dados referentes a identidade, origem, tempo de serviço e em que força atuou durante a guerra, somado a informações profissionais e caso fosse alfabetizado (ou não); Na segunda folha, nos casos anteriores a década de 1960, era comum a presença de folha de registros de beneficiários, com dados de Cônjuges, filhos e parentes próximos, abordando suas idades e seus locais de nascimento.

Logo após esta folha, os dossiês vinham acompanhados dos documentos comprobatórios dos dados repassados à folha de proposta de associação, tanto os documentos de identidade, nascimento, e de formação profissional. Além dos documentos comprobatórios de participação no conflito, mostrando o tempo de serviço ou a participação de determinado teatro de operação de guerra, sendo importantes para definir em qual categoria o veterano seria incluído dentro da associação.

Entre os militares que lutaram na II guerra, essa classificação foi reduzida a separação entre os Veteranos de guerra (E1) e os ex-combatentes (os grupos restantes de veteranos), criando identidades que apesar do ponto em comum, abriram trajetórias bem diferentes. Essa diferença foi construída através da organização de instituições específicas para esses segmentos.

A AECB-PA, continuou a ser a representação da grande maioria dos “ex-combatentes”, que haviam servido nas três forças (Exército, Marinha e Aeronáutica), e que atuaram em várias operações de guerra na Itália ou no Atlântico Sul, aceitando todos os que comprovasse o período de serviço de guerra. Na década de 1970, surgiu uma instituição mais restritiva com relação aos veteranos de guerra associados, aceitando somente os que serviram na Itália, e que tivessem ao menos a Medalha de Campanha da Itália, sendo da FEB ou do 1o Grupo de Caça, criando a Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB), na cidade do Rio de Janeiro.

Apesar dessa divisão na identidade dos conscritos e participantes do conflito, elemento evidente até nas diferentes cores das boinas (Azul Ferrete dos membros da ANVFEB e Verde Oliva aos membros da AECB), os grupos uniam-se em favor das mobilizações sociais em busca dos direitos dos veteranos e ex-combatentes, enviando documentos a autoridades civis e militares, constituindo memoriais e solicitando o devido cumprimento do que estava na lei.

O historiador em sua gênese deve trabalhar para encontrar o fio condutor da história em meio as fontes documentais, traçando uma narrativa de acordo com a disponibilidade de documentos históricos a serem questionados. Esse é um desafio a ser abordado na Associação dos Ex-combatentes do Brasil, devido a grande quantidade de documentos avulsos e encadernados, apesar das perdas durante o processo de abandono entre 2014 e 2017. Nos atuais cálculos da documentação disponível, foram encontradas mais de 1.324 laudas espalhadas nas seguintes coleções e fundos:

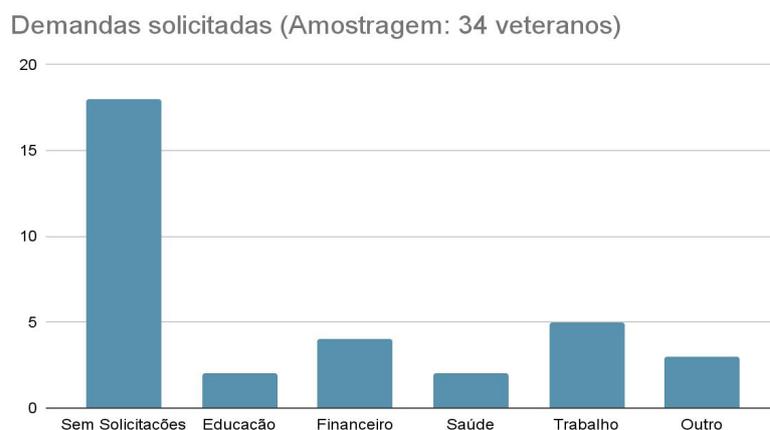
Tabela 02: Catálogo parcial do acervo em papel da Associação.

| Tipo de documento | Composição | Fundo ou Coleção | Quantidade |
|-------------------------|---|---|-----------------------------------|
| Documentos Avulsos | Documentos de adesão e comprovação dos veteranos, documentos oficiais da AECB e dos Institutos de criminologia e Mascarenhas de Moraes. | Correspondências, listas de associados titulares, beneméritos, documentos de ordem geral do Instituto de criminologia e folha de pagamento do Instituto Marechal Mascarenhas de Moraes. | 994 Laudas |
| Documentos Encadernados | Livros de Atas institucionais da AECB-PA: Fundação, Diretoria e Assembleia Geral. | Livros de registros das reuniões | 330 Laudas divididas em 04 livros |
| Biblioteca restante | Livros da Biblioteca da AECB-PA | Seções “B - E” da Biblioteca | 51 Livros |

Fonte: pesquisadores Lucas Carnevale e Matheus Mouzinho, Belém, 2021.

Com essa grande variedade documental nos acervos da associação, permite aos historiadores e os estudiosos do patrimônio material compreender de que maneira a instituição estava atrelada com a sociedade paraense da época, no qual vemos diferentes pessoas com uma ligação em comum (o fato de terem contribuído como “irmãos de armas” no combate ao nazifascismo), mas que tem origens, formações sociais e econômicas bastante divergentes entre si, permitindo que os referidos que estivessem em melhor situação, apoiassem os veteranos ou ex-combatentes mais pobres e seus familiares.

Gráfico 01: Demandas solicitadas pelos ex-combatentes da instituição, listas de membros da AECB (Documentos comprobatórios)

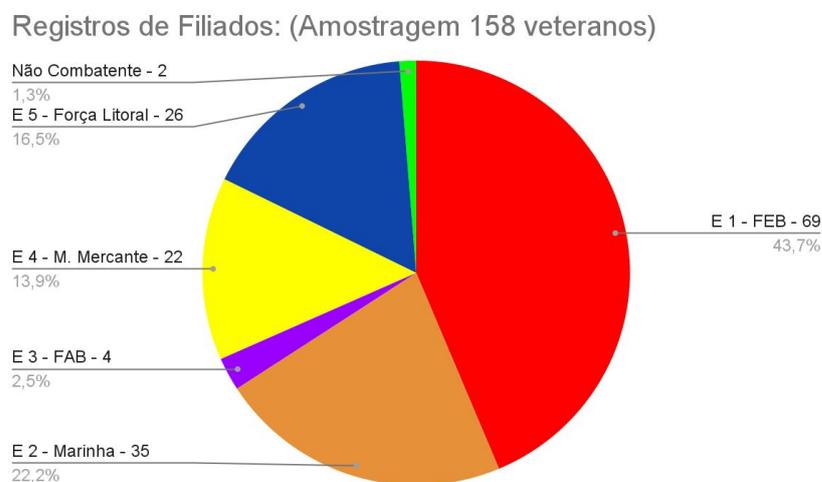


Fonte: Listas de membros da AECB-PA, pesquisadores Lucas Carnevale e Matheus Mouzinho; Belém, 2021.

Neste gráfico é possível notar uma gama de solicitações feitas pelos veteranos por via institucional, estando quase sempre interligados a demandas sociais específicas dos veteranos e dos seus dependentes, no qual a AECB-PA enviava um ofício apresentando o veterano e seu familiar, e apresentando a solicitação a ser feita. Foram encontradas solicitações de vagas de emprego a ex-combatentes em repartições públicas como a Estrada de Ferro de Bragança (EFB) e o Serviço Regional de Portos da Amazônia (SNAPP), enviando dados do veterano e aguardando alguma resposta do departamento.

Outra demanda muito solicitada pelos veteranos, é o acesso ao atendimento médico para si ou para um familiar, no qual eram apresentados aos hospitais (geralmente públicos), o veterano e o familiar que seria internado (se fosse o caso). Nestes documentos temos a oportunidade de compreender de que maneira os veteranos e ex-combatentes foram afetados de maneira física e psicológica, solicitando atendimento para casos de alcoolismo, neurose de guerra e até internação no Hospital Psiquiátrico estadual Juliano Moreira.

Gráfico 02: Número de filiados por categoria na AECB-PA, listas de membros da AECB-PA.



Fonte: Listas de membros da AECB-PA, Pesquisadores Lucas Carnevale e Matheus Mouzinho, Belém, 2021.

Nas fontes encontradas foi possível a realização de um levantamento sobre a porcentagem de filiados na associação, sendo encontrados cerca de 158 registros restantes, correspondente a porcentagem de 27,5% da totalidade filiados a associação que chegou ao número de 574 membros. O gráfico apresenta preliminarmente uma grande quantidade de filiados na categoria de Efetivo 1 (FEB), correspondendo em cerca de 43,70% dos registros restantes na instituição. após estes, as Forças navais de Guerra e Mercante, dominam as seções intermediárias contando com 22,20% e 13,90%

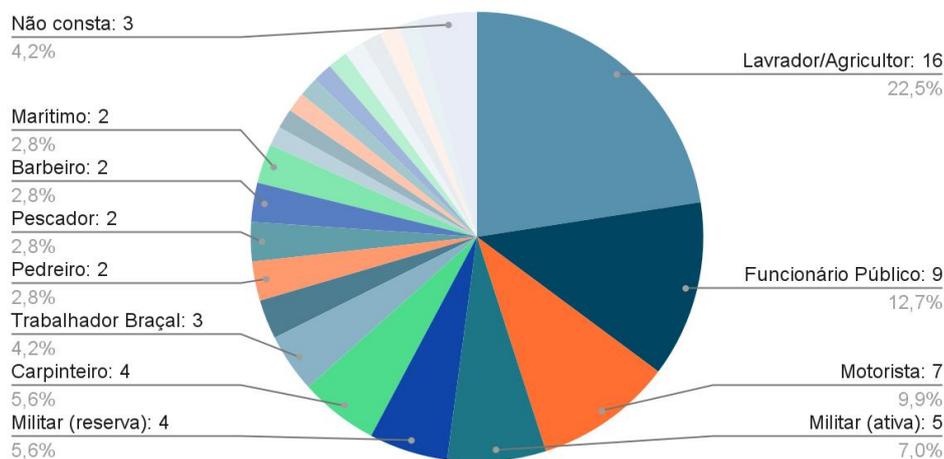
respectivamente, mostrando que os marinheiros que atuaram na Força naval do Nordeste e na frota mercante que abastecia a região amazônica representavam um numeroso grupo de associados.

Os últimos grupos correspondem tanto aos que serviram no litoral brasileiro e em patrulhamento da costa durante o período do conflito, quanto aos veteranos da Força Aérea Brasileira, que combateram na Itália, contando com 16,50% e com 2,50% dos registros respectivamente. Para finalizar, os não combatentes, que eram sócios da AECB-PA, que não haviam servido na guerra, nem se encaixavam em nenhum grau de colaboração no combate ao conflito, mas que eram simpatizantes, pesquisadores e professores, que de alguma forma contribuíram para a preservação da memória expedicionária entre as novas gerações (1,30% dos registros).

Para finalizar, foi necessária uma análise mais aprofundada do grupo numeroso e específico dos combatentes da Força Expedicionária Brasileira na Itália (**E1**), cujas informações apresentam grande número de detalhes sobre sua participação na sociedade da época, fato refletido nas informações sobre emprego e renda dos expedicionários.

Gráfico 03: Funções que mais empregavam os veteranos da FEB filiados a AECB-PA, Listas de membros da AECB-PA.

Profissões dos Veteranos ligados a AECB-PA: (Amostragem: 69 Veteranos da FEB)



Fonte: Listas de membros da AECB-PA, Pesquisadores Lucas Carnevale Machado e Matheus Mouzinho, Belém, 2021.

Nesse gráfico, todos os associados “E1” disponíveis na AECB-PA foram abordados justamente para produzir um panorama sobre as condições de trabalho desses conscritos no período do pós-guerra. A grande maioria está entre a produção familiar agrícola (com casos de terrenos doados pelas forças armadas), e no funcionalismo

público nas três esferas (Municipal, Estadual e Federal), essas vagas em muitos casos foram alcançadas por intermédio da AECB-PA, sendo solicitadas através de ofícios às chefias dos departamentos, contribuindo para uma melhor reintegração social destes veteranos. Algumas problematizações devem ser feitas com base nos dados apresentados pela documentação, principalmente os ligados a seu local de nascimento e sua origem étnico-racial, discutindo o peso da participação de grupos minoritários e de localidades mais afastadas dos centros urbanos.

Os dados fortalecem a ideia de que considerável parte da Força expedicionária Brasileira e dos combatentes do litoral era composta de camponeses e interioranos, convocados para cumprir o serviço militar obrigatório, servindo em grandes unidades locais sediadas na capital paraense, como o 26º Batalhão de Infantaria e o 34º batalhão de Caçadores.

Tabela 03: Informações referentes aos expedicionários filiados à AECB-PA, disponíveis nas fichas de filiação restantes na instituição.

| Local de origem dos Filiados a AECB-PA | Porcentagem de Membros |
|--|------------------------|
| Belém e Proximidades | 24,5% |
| Interior | 35,2% |
| Outros estados | 40,3% |

Fonte: Listas de membros da AECB-PA. Pesquisadores: Lucas Carnevale e Matheus Mouzinho, Belém, 2021.

Esses dados mostram que apesar da quantidade considerável de veteranos paraenses, muitos oficiais da ativa que serviam em Belém, ou conscritos radicaram-se na região, atuando junto da AECB-PA. Nos dados encontrados há um equilíbrio na quantidade de Pretos e Brancos que serviram na FEB, no qual há um grande problema em quantificar os números desses grupos étnico-raciais, devido a ausência desse registro nos documentos oficiais do exército, que aboliram essa forma de registro dos militares desde o início da década de 1940 (Santos, 2021).

A associação em si, também não fazia esse tipo de registro formalmente, mas ao mesmo tempo deixava disponível nas fichas de filiação imagens dos veteranos associados, permitindo analisar a representatividade desses grupos, mostrando a desigualdade e o racismo estrutural presente até a atualidade na sociedade brasileira.

Tabela 04: Informações de origem étnico-racial disponíveis nas listas de registros da AECB-PA através de fotos 3x4 legíveis.

| Cor | Porcentagem |
|--------|--------------------|
| Pretos | 50,7% - 35 membros |
| Branco | 49,3% - 34 membros |
| Total | 100% - 69 membros |

Fonte: Listas de membros da AECB-PA. Fonte: (Santos, 2022, p. 51).

Apesar da maioria dos registros encontrados, os militares negros mantinham-se na base da hierarquia militar, atuando no conflito como cabos e soldados, tendo algumas poucas exceções de praças pretos como sargentos do Exército e de oficiais da Marinha Mercante. Apesar do grupo dos brancos ser menos numeroso, estes concentravam as funções mais especializadas na sociedade, com ensino secundário ou superior, somado a funções no serviço ativo militar, principalmente como sargentos e oficiais.

Apesar da importância da integração entre pretos e brancos na FEB ter sido uma marca de impacto entre as outras nações aliadas, que mantinham tropas segregadas em combate, geralmente comandadas por oficiais brancos e com base hierárquica de origem colonial ou afro-estadunidense. Podemos notar que a integração por si só, não teve grande impacto para mudar as condições impostas pelo racismo estrutural na sociedade brasileira, mantendo a base de militares pretos em funções subalternas, e que acabaram passando por uma reintegração social ainda mais complicada, devido ao duplo estigma ligado à sua atuação no conflito, com o receio de ser um “neurótico de guerra”; e devido ao tom de sua pele (Santos, 2022).

CONCLUSÃO

Dessa maneira, nota-se as consequências de um conflito militar expandido aos variados continentes do globo pela guerra submarina da *Kriegsmarine*, trazendo para a costa do Pará, o medo e a vigilância entre os civis e militares, receosos de mais torpedeamentos e vítimas fatais. Além desse medo, a sociedade paraense realizou medidas buscando a mobilização de recursos para o conflito, resultando em racionamento de comida e energia, organização de tropas militares e constantes patrulhas com o objetivo de caçar os submarinos nazistas no Oceano Atlântico.

Com o fim do conflito, a associação de ex-combatentes foi organizada na cidade de Belém, e acabou por tornar-se um espaço de memória, servindo como ponto de preservação construído pelos próprios sujeitos, apresentando os mais variados elementos de patrimônio material construído.

Além disso, sua importância vai para além das funções originais do documento, de maneira que ainda que a intenção dos documentos administrativos seja apenas de organizar os dados para melhor colaborar o grupo social expedicionário e seus familiares, sua composição e detalhamento permitem análises mais profundas sobre questões sociais e sobre a dificuldade de reintegração social desses conscritos. Seus indicadores apresentam as diferentes organizações socioespaciais desses veteranos, mostrando a diversidade de profissões ocupadas por veteranos e de que forma a associação colabora com essa reintegração profissional dos veteranos.

Referências

ALMEIDA, Tunai Rehm Costa de. *Achsenmächte, Potenze dell'Asse, Sujikukoku na Amazônia: imagens, narrativas e representações da Quinta Coluna no Pará (1939-1945)*. UFPA, Belém, 2015.

ARAÚJO, Glaucia Dias Costa de. *Debaixo da sombra do Trampolim da Vitória: história local, ensino e memória histórica em Parnamirim-RN*. 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino de História). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020.

BARONE, João. *1942: O Brasil e sua guerra quase desconhecida*, Rio de Janeiro: Ed. Harper Collins Brasil, 2013.

BRASIL, Associação de Ex-combatentes do. *Ata de Assembléia Geral da AECB – PA 1975 – 2004*, Arquivo histórico da AECB-PA, Belém, 1974.

BRASIL, Associação de Ex-combatentes do. *Ata de diretoria 1954 – 1957*, Arquivo histórico da AECB-PA, Belém, 1954.

BRASIL, Associação de Ex-combatentes do. *Ata de diretoria 1961 – 1974*, Arquivo histórico da AECB-PA, Belém, 1959.

BRASIL, Associação de Ex-combatentes do. *Ata de fundação 1946 – 1953*, Arquivo histórico da AECB-PA, fls. 2-5, Belém, 8 de maio de 1946.

CASTRO, Diego Armando Silva. *A mobilização do exército brasileiro e o envio de tropas para os fronts da 2ª Guerra Mundial*, UNISUL, 2017.

EMMI, Marília Ferreira. *Italianos na Amazônia (1870-1950): pioneirismo econômico e identidade*. Belém: Editora Universitaria UFPA, 2008.

FERRAZ, Francisco César Alves. *A guerra que não acabou: a reintegração social dos veteranos da Força Expedicionária Brasileira (1945-2000)*. EDUEL, 2013.

FERRAZ, Francisco César Alves. *Os brasileiros e a segunda guerra mundial*. Zahar, 2005.

GAUDÊNCIO, Itamar Rogério Pereira. “*Football suburbano e festivais esportivos*”: lazer e sociabilidade nos clubes de subúrbio em Belém do Pará (1920-1952). 2016. Tese (Doutorado em História Social da Amazônia). Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

GRUZINSKI, Serge. *A Amazônia e as origens da globalização (sécs. XVI-XVIII): Da história local à história global*. Belém: Editora Estudos Amazônicos, 2014.

LATFALLA, Giovanni. *Segunda Guerra Mundial: Propostas para o emprego de tropas do Brasil*. Juiz de Fora: editar editora, 2022.

LOPES, Ysiadnne Caroline Ribeiro. “*A viuvinha indomável e a jovem desencaminhada*”: representações do feminino no cinema e suas influências no público espectador e no circuito cinematográfico de Belém (1959-1963). Belém: UEPA, 2021.

MAXIMIANO, Cesar Campiani. *Adaptation under fire: the 1st expeditionary infantry division learning in combat, 1944-45*. Coleção Meira Mattos: revista das ciências militares, v. 8, n. 31, p. 59-73, 2014.

MIRANDA, Antonio Batista de. *Guerra... Memórias... Destino*. Belém: Gráfica Sagrada Família, 1998.

MORAES, Sérgio, *Belém já foi cenário de animação da Disney*, Disponível em: <https://www.oliberal.com/belém-já-foi-cenário-de-animação-da-disney-1.64496>. Acesso em: 18 de março de 2022.

NEHER, Clarissa. *EUA queriam que Brasil participassem da ocupação*, Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/eua-queriam-que-brasil-participasse-da-ocupação/a-18421978> , Acesso em: 18 de março de 2022.

O EXPEDICIONÁRIO, Revista. Rio de Janeiro, Ano II, N. 18, junho de 1975.

PINHEIRO, Letícia. A entrada do Brasil na segunda guerra mundial. *Revista USP*, n. 26, p. 108-119, 1995.

PONTES, Matheus de Mesquita et al. *Luiz Carlos Prestes e Olga Benario: construções identitárias através da história e da literatura*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2008.

RODRIGUES, Donizete. *Patrimônio cultural, memória social e identidade: interconexões entre os conceitos*. Letras Escreve, v. 7, n. 4, p. 337-361, 2018.

RODRIGUES, Luiz Antonio Belletti. *Afundamento de navios e os protestos de rua no Brasil durante a Segunda Guerra Mundial: estrangeiros na mira da imprensa*. Anais do 30º Simpósio Nacional de História. Recife, ANPUH, 2019.

RODRIGUES, Venize Nazaré Ramos. “memórias da guerra” In: FARES, Josebel Akel. Memórias de Belém de Antigamente, EDUEPA, Belém, 2010.

ROSA, Alessandra dos Santos. *A reintegração social dos ex-combatentes da Força Expedicionária Brasileira (1946-1988)*. Curitiba: UFPR, 2010.

SALUN, Alfredo Oscar. *A Itália e a guerra no Mediterrâneo entre 1940-1943*. Revista Diálogos Mediterrânicos, n. 3, p. 12-23, 2012.

SANTOS, Matheus Mouzinho Moda. *OS ROSTOS DOS HERÓIS: PERFIL SOCIAL DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA PELAS PÁGINAS DA ASSOCIAÇÃO DOS EX-COMBATENTES DO BRASIL – SEÇÃO PARÁ*, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2022.

SANTOS, Wellington Corlet dos. *A desmobilização da Força Expedicionária Brasileira e as suas consequências político-sociais no Brasil entre 1945 e 1965*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares). Escola de Comando e Estado Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2008.

SARAIVA, Márcia Pires et al. *Uma pedagogia para índios: a política indigenista de Getúlio no contexto do estado novo (1837-1945)*. Revista Margens Interdisciplinar, 2013.

SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. *A entrada do Brasil na segunda guerra mundial*. Edipucrs, 2000, p. 297. PUCSP, São Paulo, 2007.

SILVA, Allan Pinheiro da et al. *Cotidiano e guerra nos cinemas de Belém (1939-1945)*, Dissertação de Mestrado em História apresentado na PUC, São Paulo, 2007.

SILVA, Hilton Pereira da; SOUSA, Elton Vinícius Oliveira de; et. al. *Por terra, céu e mar: histórias e memórias da Segunda Guerra Mundial na Amazônia*. Belém, Paka-tatu, 2013.

TEIXEIRA, Tatiane do Socorro Correa et al. *Carnaval belenense em tempos de Estado Novo (1938-1946)*. Belém: UFPA, 2013.

Artigo recebido em 21/03/2023

Aceito para publicação em 20/07/2023

ⁱ No conflito todo foram afundadas cerca de 35 embarcações brasileiras (Rodrigues, 2019).

ⁱⁱ *A Folha do Norte*, 12 de maio de 1940, CENTUR.

ⁱⁱⁱ Telegrama do Ministro da Justiça à época Francisco Campos ao Interventor do Pará, Dr. José Malcher, *autorizando a realização de manifestações comemorativas ao dia da Alemanha e do aniversário do “Führer”*. Documento de 17 de maio de 1940, Arquivo Público do Pará, 2021.

^{iv} Os navios foram afundados entre setembro de 1942 e julho de 1943, matando treze pessoas e causando a perda de dezenas de toneladas de recursos. Apesar dessas perdas localizadas, a caça aos submarinos seguiu na região até o final do conflito, registrando o afundamento de dois submarinos nazistas entre o Pará e o Amapá: (U-590 e o U-662). Disponível em: <https://www.diariodoamapa.com.br/articulas/nilson-montoril/submarinos-alemaes-afundados-na-costa-do-amapa/>.

^v Ata de Fundação da Associação de ex-combatentes do Brasil, seção Pará, reunião do dia 26 de novembro de 1949.

^{vi} *Livro de Atas de Diretoria*, (1961 - 1975), Belém, 2021.

^{vii} **1º DIE FEB**: Primeira Divisão de Infantaria Expedicionária - **1 GAVca**: Primeiro Grupo de Aviação de Caça da Força Aérea Brasileira - 1o ELO: Primeira Esquadilha de Observação e Ligação. Disponível em <http://www.sentandoapua.com.br/portal3/>. Acesso em: 01 de agosto de 2022.